

## **Título**

Batizado de Bonecas Negras - Rede Sustentável de Relacionamento Búzios

## **Autores**

Bruno Silva Lopes

Fernanda Colmenero Melo de Moura

Ricardo Nicolau Attié

## **Palavras-chave**

Rede, Empreendedorismo, Capital Social, Quilombola, Empoderamento Feminino

## **Resumo**

Este artigo apresenta um desdobramento de uma experiência no município de Armação de Búzios que contou com o apoio do Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (CIEDS), organização responsável pela moderação e secretariado da Rede Sustentável de Relacionamento da Cidade Inteligente de Búzios, capitaneado pela AMPLA em parceria com parceiros locais, institutos de pesquisa e universidades. A Rede se configura enquanto Tecnologia Social para a articulação de atores locais visando a consolidação efetiva de um modelo de cidade inteligente, a partir do fortalecimento do capital social como fator fundamental para o desenvolvimento local. É com este pano de fundo que se pretende aqui apresentar a experiência da atividade denominada “Batizado de Bonecas Negras”, encabeçada pela Rede como parte do processo de fomento ao empreendedorismo feminino na cidade de Búzios, além do fortalecimento do capital social de grupos até então pouco envolvidos nos processos de geração de renda local. O Batizado de Bonecas Negras se apresenta enquanto uma grande possibilidade no que tange ao desenvolvimento local de grupos quilombolas utilizando como ferramenta principal o resgate da cultura negra e seus elementos, a partir da interação e cooperação entre segmentos sociais e institucionais do território e estímulos a reflexões coletivas e ações autogestionadas. A metodologia de pesquisa utilizada é empírica, aplicada e de caráter exploratório, utilizando método dialético para a análise de dados e abordagem qualitativa.

## **Palavras-chave**

Rede, Empreendedorismo, Capital Social, Quilombola, Empoderamento Feminino

## **A Rede de Relacionamento em Búzios**

A Rede Sustentável de Relacionamento da Cidade Inteligente de Búzios, criada em janeiro de 2013, nasceu a partir da demanda por uma maior articulação entre diversos grupos locais em busca de mais diálogo em uma cidade que inclua, cresça e se desenvolva de forma mais sustentável. Trata-se de um espaço em que primeiro, segundo e terceiro setores dialogam, propõem e constroem juntos planos de ação visando ao desenvolvimento local e que contemplem as demandas de grupos que a priori possuem indubitavelmente interesses bastante diversos.

A Rede está inserida em um contexto de Cidade Inteligente, projeto capitaneado pela AMPLA, concessionária de energia elétrica local. Por si só, já se apresenta enquanto inovação metodológica, uma vez que o arcabouço teórico sobre os Programas de Cidades Inteligentes geralmente associa estes modelos apenas a novos padrões de desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação. Sua criação, portanto, surge ao encontro desta realidade atribuindo a articulação de atores locais em Rede como condição para a consolidação efetiva de qualquer modelo de Cidade Inteligente que tenha como propósito o desenvolvimento local, e em simbiose aos avanços tecnológicos instalados.

A rede aparece [...] como fios seguros de uma rede flexível que pode se moldar conforme as situações concretas e, por isso mesmo, se deformar para melhor reter. A rede é proteiforme, móvel e inacabada, e é desta falta de acabamento que ela tira sua força no espaço e no tempo: se adapta as variações no espaço e as mudanças que advém do tempo. A rede faz e desfaz as prisões do espaço, tornando território: tanto libera como aprisiona.

(RAFFESTIN. 1993, p.204)

A Rede, enquanto um organismo vivo, prevê e estimula que ocorram sempre permutações e trocas de uma forma geral entre as entidades que a compõem, como bem aponta Arruda (2005), ao refletir sobre suas sinergias e individualidades:

“Quando o pescador estende sua rede no chão ou na água, ela se deita horizontalmente, espraiada para alcançar o espaço mais amplo que puder. Nenhum nó está acima dos outros, nem é mais importante do que os outros. Nenhum nó pode pensar os outros nós como competidores, adversários ou inimigos. Cada nó sabe que, fazendo parte da rede, está indissolúvelmente

ligado a quatro nós ao seu redor, que por sua vez estão ligados cada um a quatro outros nós, numa progressão exponencial para formar a rede. Portanto, cada nó tem consciência de sua responsabilidade por si próprio, pela sua ligação com os quatro nós seus vizinhos, e pela integridade da rede inteira. Cada nó sabe que é único e que os outros nós também são únicos. É esta diversidade de nós que forma a unidade da rede.”

(ARRUDA, 2005)

De forma integrada, cria-se um espaço amplo e democrático de debate e construção dos conceitos de sustentabilidade e inovação que envolvem o Programa. Potencializa-se a oportunidade de sua utilização pelos diversos setores (educativo, turístico, empreendedor), e pelos indivíduos que compõe o território, pois somente a partir de uma ação conjunta, dialógica e sob a perspectiva de complementariedade é que se encontram soluções efetivas para a construção de uma cidade inteligente que vise o desenvolvimento local.

“(…) não é suficiente desenvolver infraestruturas de transferência de conhecimento para encararmos um território como inteligente. A banda larga e os cabos de fibra óptica, entre outros, não são por si só, provas e significado de “inteligência”, esta é dependente, de faculdades que se prendem com a competência, o talento, o coeficiente de inteligência e a adaptação social dos indivíduos.” (FLORIDA, 1995; SASSEN, 2001; KOMNINOS, 2002; SERRANO et al, 2005).

Faz-se urgente estimular a participação da sociedade em processos sócio educativos que contemplem temáticas diversificadas, de modo a proporcionar o desenvolvimento da autonomia, entendida como requisito básico para o exercício legítimo da cidadania. Assim, cada indivíduo estará apto a desenvolver sua consciência crítica acerca de sua identidade social, correlacionada com preocupações ambientais e com o reconhecimento de sua importância no processo de transformação da realidade à sua volta.

“Espera-se assim o fortalecimento da cidadania para a população como um todo, e não para um grupo restrito, concretizado pela possibilidade de cada pessoa ser portadora de direitos e deveres, e de se converter, portanto, em ator corresponsável na defesa da qualidade de vida” (JACOBI, 1997).

As Redes de relacionamento local por serem multiformes, aproximam atores sociais diversificados – dos níveis locais aos mais globais, de diferentes tipos de organizações –, e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores. Ademais, representam uma

oportunidade de solucionarmos coletivamente questões que sozinhos não poderíamos realizar, sem perder de vista que podem e devem envolver e promover relações interpessoais, interorganizacionais, intergovernamentais e intersetoriais.

É justamente nesse contexto que se insere o projeto Batizado de Bonecas Negras, criado no segundo semestre de 2014, oriundo da articulação entre organizações locais que compõem a Rede de Relacionamento na cidade de Armação dos Búzios.

## **Batizado de Bonecas Negras**

O projeto Batizado de Bonecas Negras nasce a partir de um potencial identificado por três organizações que compõem a Rede – AGUITAB (Associação de Guias Turísticos de Búzios), Associação de Moradores do bairro de São José e CIEDS – durante uma visita técnica exploratória realizada em setembro de 2014 ao Quilombo da Rasa, também integrante da Rede. Cabe ressaltar que é um método rotineiro da Rede realizar esse tipo de visita exploratória objetivando promover o intercâmbio entre grupos que muitas vezes defendem as mesmas causas e atuam no mesmo território. Este tipo de visita é estimulado por acreditar que, conhecendo a realidade local de uma forma ampliada e trabalhando coletivamente, as ações pensadas pela Rede assumem novas proporções e tendem a visar o todo superando interesses individuais.

Após serem apresentados às lideranças quilombolas do bairro da Rasa e terem acesso a uma pequena parcela da riquíssima trajetória histórica de escravos negros no Brasil, mais especificamente os que foram trazidos para o estado do Rio de Janeiro, AGUITAB, Associação de Moradores de São José e CIEDS perceberam ali uma grande oportunidade de valorização e resgate da cultura negra, sua história e experiências a partir de uma prática dos antigos escravos situados na região de Búzios, o Batizado de Bonecas Negras.

Dona Uia, líder do Quilombo da Rasa, bairro na região continental de Búzios, foi a responsável pela transferência e resgate da história do grupo, que se deu através de escutas qualificadas e rodas de conversas informais. Seu relato permitiu destas escutas foi possível identificar e definir o Batizado de Bonecas Negras como uma prática cultural que se baseia em um ritual de benção de bonecas negras confeccionadas pelos filhos e netos de escravos que, considerando a realidade e o período histórico, não possuíam recursos para a compra de

brinquedos para que nas poucas horas de lazer pudessem lhes aproximar da tão renegada idade infantil. A partir da conversa com Dona Uia foi possível integrar entidades componentes da Rede e, para além disso, tornou-se possível vislumbrar um processo de reconhecimento de um território quilombola dentro da cidade de Búzios à margem de sua conhecida e propagada vocação turística.

“Via possibilidades abertas pelas políticas públicas de reconhecimento dos direitos quilombolas, os moradores da Rasa iniciaram, com a criação da associação quilombola em 1999, o processo formal e simbólico de afirmação de sua história, de sua identidade e de seu território quilombola. Segundo Dona Uia, “a gente sabia a história, minha mãe sabia a história, mas não sabia que isso aí tinha valia nenhuma”, o que demonstra que o quilombo é ressignificado pelos moradores em termos mais positivos.” (PEREIRA, 2013)

Cabe ressaltar que no Estado do Rio de Janeiro, segundo a Secretaria Estadual de Habitação, existem 33 comunidades quilombolas no estado, sendo a maioria localizada na região litorânea. Chama atenção o fato de que somente em 2012 foi registrada a primeira titulação com registro definitivo de terra para o Quilombo de Preto Forro em Cabo Frio, a despeito do que estabelece o artigo 68 da Constituição Federal de 1988: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos”.

De acordo com a Comissão Pró Índio de São Paulo, o que caracterizava o quilombo não era o isolamento e a fuga e sim a resistência e a autonomia. O quilombo, portanto seria definido como um movimento de transição da condição de escravo para a de camponês livre. Isto posto, a classificação de comunidade como quilombola não se baseia em provas de um passado de rebelião e isolamento, e sim de como aquele grupo se compreende e se autodefine.

“(…) novos estudos mostraram que as comunidades de quilombo se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, mas também as heranças, doações, recebimentos de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior de grandes propriedades, bem como a compra de

terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após sua abolição.” (Comissão Pró Índio de São Paulo<sup>1</sup>)

No caso do Quilombo da Rasa em Búzios, a situação se repete. Mesmo reconhecido em 2005 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e pela Fundação Palmares, ainda não obteve a titulação da terra. Dentro do município este Quilombo ainda permanece desconhecido pela grande maioria da população e o projeto Batizado de Bonecas também tem uma vertente de lhe dar visibilidade perante a cidade e seus visitantes. Estes, em especial, geralmente conhecem apenas uma Búzios de glamour retratada por novelas e revistas com enfoque turístico, o que reforça o processo de exclusão dos grupos mais tradicionais, conforme aponta Pereira (2013):

“O mito Búzios, produzido a partir de imagens e discursos genéricos, cristalizou o estereótipo de cidade sofisticada e bela, o que para os quilombolas da Rasa resultou na não valorização de suas memórias e invisibilização da importância da existência deles no município. Isto possibilitou a criação de inúmeras formas de, para além da expropriação da memória e da sua importância, efetivar-se a expropriação de suas terras (comprando terrenos a preços baixos, grilando ou expulsando as famílias), bem como a exploração da mão de obra da população da Rasa (trabalhando na indústria pesqueira, na construção civil, como caseiros, ambulantes, prestadores de serviços públicos de baixa remuneração ou em serviços domésticos). (PEREIRA, 2013)

Se considerarmos o produto turístico como um resultado de um conjunto de atividades e serviços relativos à alimentação e bebidas, aos alojamentos, aos transportes, aos produtos de artesanato local e às visitas para divertimento, atividades ligadas a atrativos naturais ou culturais, os recursos naturais e atividades culturais transformam-se em bens produtivos, integrando-se ao processo de crescimento da economia local. Sendo assim, o turismo representa um conjunto de atividades produtivas interligadas que influenciam os demais setores econômicos.

Com base na definição de um produto turístico e o fato dele estar intrinsecamente ligado ao desenvolvimento do potencial de recursos humanos, a atividade Batizado de Bonecas Negras teve papel fundamental contribuindo para o empoderamento e ferramentação

---

<sup>1</sup> <http://www.cpisp.org.br/>.

de mulheres remanescentes do quilombo da Rasa por meio de oficinas de corte e costura e formações pontuais em temas ligados a empreendedorismo, precificação e venda.

As oficinas de formação foram realizadas na sede do quilombo da Rasa, inicialmente com oito mulheres, chegando a ter dezessete e se encerrando com sete participantes. A faixa etária variou de 13 a 74 anos e teve duração total de vinte encontros, durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2014. Todo o conjunto de oficinas foi ministrado de forma voluntária por Luciana Passos, da Associação de Moradores de São José, entidade que também faz parte da Rede Sustentável de Relacionamento da Cidade Inteligente de Búzios, e toda a matéria prima necessária foi captada junto a uma empresa de Campinas, que doou equipamentos e insumos necessários para o grupo, e por sua vez, recebeu 50 bonecas como contrapartida que foram doadas à creches do município.



1ª turma do projeto no espaço do Quilombo da Rasa





O projeto desenvolvido junto a essas mulheres do Quilombo da Rasa foi capaz de produzir impactos de valorização pessoal e contribuiu para seu entendimento enquanto grupo produtivo local. Quando falamos do acesso a renda por grupos produtivos formados por mulheres não se pode perder de vista a questão de gênero, como apontado pelo estudo desenvolvido por Angelin e Bernadi, intitulado “Mulheres na Economia Popular e Solidária: desafios para a emancipação feminina e a igualdade de gênero”, em que as autoras analisam a situação estrutural das mulheres no mercado de trabalho.

As diferentes condições em que vivem homens e mulheres não são ocasionadas pela diferença biológica existente entre ambos, mas sim pelas construções sociais e econômicas, as quais geraram uma relação social de sexo (KOLLONTAI, 1977: 13). Estas diferenças são observadas no mundo do trabalho através da divisão sexual do trabalho, sendo o trabalho hierarquizado. As relações de gênero são sustentadas e estruturadas por uma rígida divisão sexual do trabalho, onde o trabalho masculino ainda é, na sua maioria, mais valorizado que o feminino. Os homens são responsáveis pelo “sustento da família”, trabalhando, portanto, na produção e exercendo funções de elevado valor social agregado (políticas, religiosas, militares)

enquanto as mulheres são excluídas da esfera pública, cabendo a elas as atribuições da reprodução. (BEAUVOIR, 1968).”

Cabe ressaltar que a inserção deste grupo de mulheres no projeto Batizado de Bonecas Negras também significou a sua inserção na chamada “Economia Popular e Solidária”, composta por iniciativas de solidariedade e cooperação entre pares na tentativa de gerar trabalho e renda.

Sob a ótica das relações de gênero e emancipação feminina, a Economia Popular e Solidária pode contribuir para aliviar o cotidiano das mulheres, pois estas partilham o peso de suas “obrigações”, contribuindo para uma melhor articulação entre a vida familiar e profissional; contribui ainda para viabilizar o acesso ao crédito e proporcionar a emancipação financeira da mulher. No cerne deste modelo econômico um desafio a ser enfrentado é transformar as relações interpessoais e de gênero, ao mesmo tempo em que se busca mudanças estruturais na sociedade, na economia e na cultura (NOBRE, 2003: 28).

Falar sobre economia popular significa falar sobre um determinado público, em que se incluem desde desempregados, qualificados ou não, aos totalmente excluídos dos processos de desenvolvimento de tecnologias, dos programas sociais oficiais, da distribuição de renda e do sistema econômico oficial. E se esta economia popular, de iniciativa popular, deseja ser solidária, é necessário averiguar sobre qual solidariedade estamos tratando. O sentido do termo solidariedade aqui utilizado não se mescla ao paternalismo, caridade ou filantropia, e sim ao comprometimento do trabalho coletivo, cooperativo, comunitário, comprometimento este que perpassa por uma nova ética nas relações humanas, nova ética nas relações laborais, econômicas e comerciais. (CORREA, 1997)

Vencidas as etapas de mobilização, sensibilização e capacitação das mulheres e produção das bonecas, a grande culminância ocorreu dia 20 de novembro de 2014, em comemoração ao dia da Consciência Negra. O lugar escolhido foi a Praça de Santo Antônio, no bairro da Rasa, que contou com barracas, comidas típicas, ciranda e a celebração do batizado em si. O pároco da cidade esteve presente e após a ciranda, padre Zito batizou com água benta todas as bonecas e as pessoas do local. A festa continuou com outras atrações e boa parte da produção de 200 bonecas foi vendida no mesmo dia.



Evento do dia 20 de novembro de 2014 onde foi feito o batizado das bonecas

Diversos veículos de comunicação da cidade estiveram presentes no evento, o que resultou em algumas matérias em jornais e sites locais, ampliando assim a visibilidade sobre o projeto e as futuras possibilidades de produção e comercialização.

# No batizado de bonecas, o casamento da cultura e do turismo

Por Hanber Anal de Carvalho

**A**o resgatar o batizado de bonecas de universo de cultura infantil quilombola, Laciara Passos imprimiu mais uma vez para a sociedade de Búzios seu espírito de mulher empreendedora. O assunto é divulgar essa cultura, tornando esta iniciativa um produto de turismo que se soma a nossa gastronomia e ao vício principal de nossa comunidade, assentada no turismo sol e praia.

Desde a "Associação Fazer", da qual foi fundadora no bairro de Cem Boças, Laciara vem lutando de forma articulada para buscar em nossa história, elementos para compor sua arte e seu artesanato.

Agora, em parceria com a Associação de Moradores de São José, a Associação de Guias Turísticas de Arraial dos Búzios - AGUTAB, a CIBES - Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável, através de seu gerente local Ricardo Aliz, a Associação de Quilombolas da Rasa, com o patrocínio da Alpari, empresa de Campinas, no estado de São Paulo, e da loja Ma-lu Tees, Laciara Passos irá apresentar o

resultado das oficinas de confecção de bonecas quilombolas nesta quinta-feira (20), no bairro da Rasa, com um batizado de bonecas, como parte das comemorações a Zumbi dos Palmares.

Seu trabalho é um exemplo de resistência cultural pro-ativa, onde ela vai do cotidiano da simples cobrança junto ao governo municipal, e assume o papel de influenciadora da cultura local. Partiu, com bastante firmeza e segurança, para ocupar este espaço e manter essa tradição oral viva, em contraposição à invasão de universos infantis por tablets, celulares, facebook e toda a tecnologia virtual que toda nossa criança da comunidade em grupo, criando com isso toda a trilha de experiência que irá formar seu caráter e auxiliar em seu processo de socialização. Isso sem contar que a qualidade de seu artesanato é mais uma de suas iniciativas, visando fortalecer o comércio doméstico e familiar.

O Peru Molhado se coloca à disposição deste projeto por sua cidadania, comprometida com o resgate da cultura local e, principalmente, por sua disposição em criar alternativas que visam agregar valor a nossa cultura e ao turismo de nosso Município.



Na oficina comunitária é que nascem as bonecas quilombolas



A experiência das mais velhas sendo resgatada pelas mais novas



Boneca quilombola, um produto cultural e turístico

De 21 a 28 de novembro de 2014 – O Peru Molhado

Jornal O Peru Molhado – Ed. nº 1221 – 28/11/14



## FOLHA DE BÚZIOS

JORNALISMO COMO DEVERES

Carregadores  
Chips  
Fones  
Capas de Proteção  
Cartão de Memória  
Telefones Fixos

INÍCIO

CIDADE

REGIÃO

PAÍS

POLÍTICA

ESPORTES

TURISMO

## Batizado de bonecas negras aconteceu hoje em Búzios

20 DE NOVEMBRO DE 2014 19:41

0 COMENTÁRIOS



Aconteceu hoje 20/11, em comemoração a Semana da Consciência Negra, o 'Batizado de Bonecas Negras' na Praça da Rasa, em Búzios.

Jornal Folha de búzios – Ed. online – 20/11/14

O estímulo a que o projeto seja reconhecido por toda a comunidade buziana visa que a produção não fique restrita aos meios em que circulam apenas os empreendimentos populares e solidários. Pois mesmo que, se por um lado é necessário que entre eles haja contínua troca de conhecimentos, tecnologias e experiências, fomentando assim as redes de colaboração solidária conectadas a redes de consumo ético e solidário, por outro se faz necessário que os empreendimentos solidários não se tornem “ilhas”, uma vez que permanecem inseridos na lógica capitalista do consumo e produção. Isto significa ser necessário articular os empreendimentos populares e solidários de forma que estes possam ter a possibilidade de realizarem negócios solidários entre os mesmos, porém sem descartar, muito menos excluir o mercado capitalista formal.

## **RESULTADOS**

O Batizado de Bonecas ganhou visibilidade e foi reconhecido pela Prefeitura de Búzios enquanto atividade de fomento ao empreendedorismo feminino e valorização da cultura negra.

Ademais, diversos convites foram feitos para exposição das bonecas e divulgação do projeto em eventos pela cidade, como o convite recebido por meio da Academia de Letras e Artes Buziana para exposição e comercialização das bonecas do IV SACI (Semana de Artes e Culturas Internacionais) realizado em Búzios de 19 a 24 de maio de 2015.



O reconhecimento provindo dos moradores e empresários de Búzios possibilitou às mulheres participantes a valorização de seu trabalho, contribuindo assim para seu empoderamento individual, mas também do grupo como um todo. Os resultados positivos desta atividade vão desde a inclusão do grupo quilombola no processo de produção artístico turística da cidade até o aumento da estima das participantes, perpassando a apropriação de novas técnicas artesanais e de empreendedorismo. Para, além disso, sua história e cultura saem de Búzios para o mundo, na figura de bonecas de pano adquiridas por turistas que encontram naquele bem muito mais que um *souvenir*, mas a possibilidade de resgate de uma tradição quilombola e um meio de contato direto com o passado.

Importante frisar que, anteriormente, nenhuma participante dominava técnicas de corte e costura ou de gestão de negócios. Foi necessário durante esse tempo, apoio técnico da equipe do CIEDS para demonstrar como poderia ser feito, minimamente, o controle de estoque e precificação dos produtos para formar o valor final para venda.

A seguir é apresentado um quadro usado por elas para sua orientação, contendo informações como custos, valor de venda, lucro e até mesmo, quanto que determinada peça contribuía na composição da passagem usada por cada uma. No mesmo controle estavam presentes a quantidade de vendas, os pontos de venda e consignações fechadas.



Atualmente já são visíveis alguns desdobramentos da atividade, como o envolvimento da rede hoteleira de Búzios, que também integra a Rede Sustentável de Relacionamento na

cidade, através de encomendas para confecção de peças de roupa diversas, tais como edredons, almofadas e pufs para os quartos das pousadas.

Outra parceria conquistada por meio da Rede foi com o Hotel Atapu, na Praia das Caravelas em Búzios, onde foi disponibilizada uma área para exposição das bonecas para venda os turistas que visitam o local.

Um espaço para comercialização das bonecas negras e de outras peças de artesanato já produzidos por parceiros da Rede foi disponibilizado no bairro de Mangueiros, em Búzios. Uma comissão definiu a dinâmica da parceria, horário de funcionamento da loja, partilha dos custos e receitas. Foi definida também uma comissão que avaliará os produtos e acompanhará o trabalho e a prestação de contas dos parceiros. A meta é receber 20 expositores ao longo de 2015.

“Nós temos que enaltecer o ser humano, o negro, não só nessa cidade, como em todo lugar. Ele ainda sofre muito preconceito. Então pretendemos, não só no dia de hoje, mas, dar continuidade para sempre com essas bonecas. Para que as criancinhas brancas, ruivas, na cor que for, terem uma boneca negra. E que veja o quanto isso é natural. O importante é sabermos que todos nós somos iguais. Que temos que nos relacionar com todo mundo. Então, acho esse dia importante demais porque é uma lembrança. É um marco das atrocidades que foram feitas com o negro e o quanto que a gente está se superando a cada dia para a igualdade racial estar acontecendo”.

Luciana Passos, Associação de Moradores de São José

Outro resultado deste projeto é o estímulo à troca de experiências e ao desejo em conhecer histórias similares. Por desejo do grupo de mulheres o CIEDS está dando suporte para a realização de intercâmbios com outros movimentos ligados a mesma temática no Estado do Rio de Janeiro. Estão previstas trocas de experiências entre a Ass. de Quilombolas da Rasa com o Quilombo “Machadinha” de Quissamã, com o Quilombo São José em Valença e empreendimentos do morro da Providência no Rio de Janeiro. Outro intercâmbio será com uma cooperativa de artesanato de Angra dos Reis com as entidades da Rede ligadas ao setor.

Destaca-se ainda o reconhecimento do Poder Público local, representado por uma visita do Prefeito ao Quilombo e por maior proximidade com a Secretaria de Cultura e suporte técnico para elaboração de projetos visando concorrer à captação de recursos em editais.

Por fim, as encomendas de bonecas não param de crescer e o desafio atual do grupo passou a ser dar conta de toda a demanda recebida, o que implica em questões importantes de gestão e necessidades de formações específicas, mas mostra, sobretudo, o potencial de crescimento do projeto em apenas oito meses.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados obtidos na experiência de integração entre organizações locais em Búzios corroboram a expectativa de que o viés social, mais especificamente de fortalecimento do capital social por meio da articulação e integração entre os atores locais, seja definitivamente considerado pela literatura especializada como condição estruturante para consolidação de uma Cidade verdadeiramente inteligente e sustentável, de forma complementar aos usuais investimentos tecnológicos.

As etapas iniciais para formação da Rede foram fundamentais para conhecer os potenciais locais e permitir enxergar as possíveis sinergias entre as organizações, sem deixar de reconhecer e respeitar seus perfis e características distintas. Após quase três anos de sua existência, pode-se afirmar que existe uma unidade e que organizações buscam contribuir umas com as outras.

Nesse sentido, o caso do Batizado de Bonecas Negras é emblemático. A articulação iniciada entre quatro organizações, já envolve, no mínimo outras cinco, também integrantes da Rede (Secretaria Municipal de Cultura, Associação de Hotéis de Búzios, Associação de Pousadas de Búzios, Rotary Club e Ampla). A expectativa é que este projeto possa ser sustentável e para isso o envolvimento de tantos atores locais é fundamental.

Para além dos aspectos de gestão do projeto, destacam-se os conteúdos inseridos, direta ou indiretamente, nele. O Batizado de Bonecas Negras traz consigo implicações no tocante ao resgate cultural quilombola, e a ancestralidade africana fomentando a valorização da cultura negra. Na perspectiva de inserção produtiva e geração de renda e à busca pelo empoderamento feminino, o Batizado de Bonecas contribui para a autonomia da mulher e para inserção de grupos até então marginalizados na cadeia produtiva e turística da cidade.



Estas são questões prementes na grande maioria das cidades brasileiras, e que a partir da atuação em Rede vem ganhando protagonismo no município de Armação dos Búzios.

## Referências Bibliográficas

ANGELIN, Rosângela & BERNADI, Cecília Margarida. Mulheres na Economia Popular e Solidária: desafios para a emancipação feminina e a igualdade de gênero [http://www.espacoacademico.com.br/070/70esp\\_angelin.htm](http://www.espacoacademico.com.br/070/70esp_angelin.htm)

ARRUDA, Marcos. Redes que tecem Democracia e Liberdade. Publicado em 29 de julho de 2005 no Fórum Brasileiro de Economia Solidária – [www.fbes.org.br](http://www.fbes.org.br).

BEAUVOIR, Simone de. Das andere Geschlecht: Sitte und Sexus der Frau. Hamburg: Rowohlt, 1968.

Caderno de Turismo do Estado do Rio de Janeiro, 2010 [http://www.igeog.uerj.br/caderno\\_de\\_turismo.pdf](http://www.igeog.uerj.br/caderno_de_turismo.pdf)

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2002.

CASTELLS, Manuel. La Ciudad de la nueva economía. La Factoría, (12), Junio-Septiembre, sem paginação, 2000.

COMISSÃO PRÓ INDÍO DE SÃO PAULO. Comunidades Quilombolas. <http://www.cpis.org.br/>

CORREA, Luiz Oscar Ramos. Economia Popular, Solidária e Autogestão: o papel da educação de adultos nesse novo cenário. Porto Alegre, 1997.

FLORIDA, Richard. Towards the learning region. Futures, Vol. 27, N°5, p. 527-536, 1995.

JACOBI, Pedro. Meio ambiente urbano e sustentabilidade: alguns elementos para a reflexão. In: CAVALCANTI, Clovis (org.). Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 1997. p.384-390.

KOLLONTAI, Alexandra. Die Situation der Frau in der gesellschaftlichen Entwicklung: Vierzehn Vorlesungen vor Arbeiterinnen und Bäuerinnen an der Svedlov-Universität 1921. Frankfurt: Verlag Neue Kritik, 1977

KOMNINOS, Nicos. Intelligent cities: innovation, knowledge systems and digital spaces. Spon Press, Londres, 2002.

LOPES, Bruno. MARIANO, Fabio Muller. Rede Sustentável de Relacionamento da Cidade Inteligente Búzios. X Congresso Nacional de Excelência em Gestão, 2014.

MANCE, Euclides André. A revolução das Redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NOBRE, M. A Produção do Viver. Cadernos Sempre Viva Organização Feminista - SOF. São Paulo: 2003

PEREIRA, Carolina de Freitas. Pensar e agir como quilombola: o caso da comunidade remanescente de quilombo da Rasa. XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. UERJ. Rio de Janeiro. 18 a 22 de Novembro de 2013.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SASSEN, Saskia. The Global City: New York, London, Tokyo. Routledge, Nova Iorque, 2001.

SERRANO, A., GONÇALVES, F. e NETO, P. (2005) Cidades e Territórios do Conhecimento – Um novo referencial para a competitividade. Edições Sílabo, Lisboa.

TIRIBA, Lia Vargas. Economia Popular e Produção de uma Nova Cultura do Trabalho: contradições e desafios frente à crise do trabalho assalariado, in Educação e crise do Trabalho: Perspectivas de final de século, Org. Gaudêncio Frigotto – Petrópolis, RJ : Vozes, 1998